

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com a Monstra

14 de Março de 2024

## UBU ET LA GRANDE GIDOUILLE / 1979

*um filme de* JAN LENICA

**Realização, Cenários:** Jan Lenica / **Argumento:** Jan Lenica a partir de Alfred Jarry / **Animação:** Michel Roudévitch, Pierre Souchaud, Francie Camus / **Fotografia:** Julien Pappé / **Montagem:** Chantal Rémy / **Música:** Jean-Claude Dequéan / Com: Michel Poujade (Voz de Père Ubu), Janine Grillon (Voz de Mère Ubu)

**Produção:** Films Armorial, Magic Films (França) / **Produtores:** André Valio, Simon Damiani, Julien Pappé / **Cópia:** em 16mm (original em 35mm), cor, versão original em francês, legendada electronicamente em português / **Duração:** 80 minutos / **Primeira Estreia comercial:** 11 de Novembro de 1987, França / Sem estreia em comercial Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

---

Realizado em França pelo mestre polaco do cinema de animação, Jan Lenica, **Ubu Et La Grande Gidouille** parte da peça de teatro “Ubu Roi”, escrita por Alfred Jarry no final do século XIX, considerada como uma obra essencial do movimento surrealista e do teatro do absurdo. Lenica encontra no teatro de Jarry o universo ideal para dar asas à sua animação e originalidade, mas a sua representação de Ubu ficaria célebre, contaminando a imagem da própria obra de Jarry.

Adaptando muito livremente o texto de origem, Lenica parte, na realidade, das três peças de Jarry; “Ubu Roi”, mas também “Ubu Cocu” e “Ubu sur la Butte”. O surrealismo do dramaturgo prolonga-se nos desenhos de Lenica, dominados por tons sépia e por uma quase ausência de cor, que surgem associados a figuras algo liquefeitas e de aspecto assustador. Personagens antropomórficas cujos órgãos são desproporcionados, os tons sombrios e os corpos desmembram-se e nas suas partes, que se separam do todo. A animação por sua vez é esquemática, com braços, pernas ou bocas a baloiçarem livremente, como acontece nos mais toscos bonecos articulados infantis.

O imaginário é assim poderoso, correspondendo em pleno a Ubu, figura mítica, maquiavélica e monstruosa por excelência. O absurdo do universo que Lenica transpõe para o cinema expressa-se não apenas ao nível da imagem, mas também do som. Aos bocados de “bifes à solta” e aos órgãos esventrados, somam-se ruídos ampliados de arrotos ou de personagens a ressonar, amplificando assim o desconforto que as imagens visam provocar no espectador. Imagens e sons que apenas espelham as acções de uma personagem que espalha o mal e a fealdade à sua volta.

Eis a história adaptada por Lenica, a que dão corpo as várias figuras de aspecto atroz, entre as quais, Père Ubu, mas também a sua companheira, Mère Ubu, que o incitará a encontrar incessantemente formas de alimentar a sua sede de poder. Ubu assassina Venceslas, o rei da Polónia, e toma o seu lugar no trono, instaurando um regime bárbaro em que reina a maldade e a estupidez. Então a armada do Czar e o jovem filho do rei Venceslas acabam por vencer Ubu e este é expulso da Polónia, procurando refúgio em Paris. Se a França representa os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que Ubu pretende abolir, este depressa encontrará uma inusitada solução. Ocupa a casa do Professor Acras, assassina o amante da sua mulher, e decide tornar-se escravo para melhor dominar os homens e estender a sua tirania a todo o planeta.

Metáfora poderosa da sede de poder e da expansão do mal, **Ubu Et La Grande Gidouille** preserva uma grande actualidade. Embora só tenha conhecido estreia em França em 1987, quase dez anos após a sua realização, trata-se de uma obra que vingou como um dos clássicos do cinema de animação. Os motivos são óbvios. Hoje podemos ver o filme pela primeira vez na Cinemateca.

Joana Ascensão